

MIL ANOS DEPOIS: NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO DO TRATADO DE MEDICINA PARA AS MULHERES DE TROTULA DI RUGGIERO (SÉC. XI)

A THOUSAND YEARS LATER: NOTES ABOUT THE TRANSLATION FOR THE BRAZILIAN PORTUGUESE OF THE MEDICINE TREATY FOR WOMEN OF TROTULA DI RUGGIERO (11th CENTURY)

Karine SIMONI¹

Luciana Calado DEPLAGNE²

Resumo: No séc. XI, Trotula di Ruggiero era uma das principais referências da renomada Escola de Medicina de Salerno, sul da Itália (SANTUCCI, 2008, p.87). Nas suas observações e práticas medicinais, dedicou-se ao estudo da saúde e das doenças que acometiam de modo especial as mulheres. Apesar das constantes tentativas de apagamento de Trotula ao longo dos séculos, ao menos dois tratados testemunham as suas atividades: o *De passionibus mulierum ante in et post partum* [As doenças das mulheres antes, durante e depois do parto] e o *De ornatu mulierum* [Como tornar belas as mulheres]. O artigo evidencia a tradução para o português brasileiro dos dois textos de Trotula, entendendo a tradução como forma de garantir a sobrevivência do texto de partida (BENJAMIN, 2010) e como um ato ético que consiste em receber o outro na própria língua. (BERMAN, 2013) Na primeira parte são apresentadas brevemente a autora e a obra, e na segunda parte são feitos os comentários de tradução.

Palavras-chave: Trotula di Ruggiero. *As doenças das mulheres antes, durante e depois do parto.* Processo de tradução. História das mulheres.

Abstract: In the century XI, Trotula di Ruggiero was one of the main references of the renowned Salerno School of Medicine, southern Italy (SANTUCCI, 2008, p.87). In her observations and medical practices, she devoted herself to the study of health and illnesses that particularly affected women. In spite of the constant attempts to erase Trotula over the centuries, at least two treatises testify to its activities: the *De passionibus mulierum ante et post partum* [Diseases of women before, during and after childbirth] and *De ornatu mulierum* [How to make women beautiful]. The article highlights the translation into Brazilian Portuguese of the two Trotula texts, understanding the translation as a way of guaranteeing the survival of the starting text (BENJAMIN, 2010) and as an ethical act that consists in receiving the other in the language itself. (BERMAN, 2013) In the first part the author and the work are briefly presented, and in the second part the translation comments are made.

Keywords: Trotula di Ruggiero. *The diseases of women before, during and after childbirth.* Translation process. History of women.

Dante Alighieri (1265-1321), o poeta sumo da literatura italiana, começou a escrever versos por volta dos 18 anos, com os primeiros poemas que depois foram reunidos em *Vita Nuova*, e concluiu a sua trajetória com a *Commedia*. *Vita Nuova* experiencia o amor cortês de

¹ Professora Adjunta do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Professora Adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba.

Dante por Beatriz, caracterizado mais como amor sublime, espiritual, do que como amor carnal, como em maior ou menor grau era o amor dos trovadores por suas damas. (STERZI: 2008, p. 69) Na *Commedia* as mulheres também ocupam um lugar importante, senão central: figuras conhecidas, como Santa Clara de Assis e Cleópatra, e outras que sem a *Commedia* teriam permanecido anônimas, como Francesca da Rimini ou a própria Beatriz, agem, falam e se movimentam de modo independente, não subordinado.

A presença do feminino na literatura italiana do período poderia facilmente ser ampliada: considere-se, a título de exemplo, a Fiammetta ou a Monna Giovanna de Boccaccio e a Laura de Petrarca, o que não significa que essas personagens testemunhassem uma visão de mundo unívoca sobre as mulheres, pautada no (re)conhecimento das diversas facetas do feminino. Pelo contrário, quem estuda as práticas sociais e os discursos que marcaram as relações entre o masculino e o feminino no medievo depara-se com a tendência predominante, desde a Antiguidade e os primeiros Pais da Igreja, a favor do masculino. Isso porque na Idade Média “não se concebe a ordem sem hierarquia. A construção do masculino/feminino respeita esta noção e se esforça em articular entre eles os dois princípios da polaridade e da superposição hierarquizada”, da qual “resulta uma imagem negativa e inferior do feminino na sua relação com o masculino”. (ZUBER: 2002, p. 139) Assim, o homem medieval é comumente visto como símbolo da coesão e da unidade, enquanto a mulher é vista sob a ótica de várias facetas, muitas vezes justapostas, mas que geralmente se concentram em um dos polos da dualidade Eva e Maria, pecadora e redentora.

Somente o estudo detalhado das experiências das mulheres no medievo pode servir de antídoto à perpetuação dos discursos ambivalentes sobre o feminino e contribuir para a compreensão dos aspectos menos conhecidos sobre os papéis da mulher no período.

Nessa perspectiva, sem deixar de admitir que a escrita da história das mulheres passa também pela “história daquelas palavras que as mulheres ouviram ser-lhes dirigidas, por vezes com arrogância expedita, outras vezes com carinhosa afabilidade, em qualquer caso com preocupada insistência” (CASAGRANDE: 1990, p. 99), apostamos em maior medida nas palavras das próprias mulheres para a reconstituição dessa história. Esse foi o caminho que decidimos trilhar, enquanto pesquisadoras da linha de pesquisa “tradução de textos medievais de autoria feminina”, vinculada ao Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais, criado em 2007. Cantigas de amor na voz das trovadoras provençais, chamadas *trobairitz*, baladas escritas pela escritora proto-feminista Christine de Pizan, cânticos sagrados da abadessa Hildegard von

Bingen, o tratado ginecológico da médica Trotula di Ruggiero, são alguns dos textos medievais, alvo de nosso interesse durante esses 10 anos, que receberam tradução para língua portuguesa.

Entendemos que a tradução ocupa um lugar privilegiado por ser um importante meio de entrar em contato com o/a outro/a, ou, no dizer de Walter Benjamin em *A tarefa do tradutor*, escrito em 1923, a tradução possui uma função redentora ao apresentar-se como manifestação da vida, ou da pervivência do original (BENJAMIN: 2010, p. 207) que, de outra maneira, estaria destinado ao esquecimento.

Pensando no valor da tradução para ampliar o (re)conhecimento da mulher no medievo, propomos como objetivo deste estudo tecer alguns comentários a respeito da tradução para o português brasileiro do tratado *De passionibus mulierum ante in et post partum* [As doenças das mulheres antes, durante e depois do parto], escrito pela médica Trotula di Ruggiero no século XI. A tradução³ foi feita pelos pesquisadores Karine Simoni, e Alder Ferreira Calado, com a colaboração de Luciana Calado Deplagne, coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais, e pautou-se no princípio de que

Não há mais eminente serviço que se possa prestar à literatura do que transportar de uma língua para outra as obras-primas do espírito humano. Existem tão poucas produções de primeira ordem; o gênio em qualquer área que seja, é um fenômeno tão raro, que se cada nação moderna fosse reduzida aos seus próprios tesouros, seria sempre pobre. (STAËL: 2004, p. 141)

Por que considerar o tratado de Trotula uma “obra-prima”? Por que fazê-lo circular, reviver em outra língua e em outra época? Embora Madame de Staël tenha se referido à tradução de obras de literatura, acreditamos que o mesmo se possa dizer de um texto de caráter “científico”, como o de Trotula. Sem dúvida, o fortalecimento dos Estudos da Tradução enquanto disciplina a partir das décadas de 70 e 80 do século XX ampliou o interesse pela tradução de obras ainda não disponíveis em outras línguas, tanto pelo conteúdo em si que elas apresentam como para compreender os mecanismos que regem o próprio processo de tradução, necessário para consolidar a disciplina. “Traduzir é o sistema mais absoluto de leitura”⁴, afirmou Italo Calvino em 1980 a Tullio Pericoli (2002: p. 69), ou seja, o tradutor deve ser um

³ Foi utilizada a edição crítica e bilíngue (latim-italiano) RUGGIERO, Trotula de. *Sulle malattie delle donne*. (a cura di Pina Boggi Cavallo). Tradução Piero Cantalupa. Palermo: La Luna, 1994. Esta edição contempla os dois tratados, reunidos sob o título “Livro único de Trotula sobre a cura das doenças das mulheres, antes, durante e depois do parto, nunca antes editado, no qual são minutamente ilustradas as enfermidades e os sofrimentos que acometem o sexo feminino, o cuidado com os bebês e as crianças desde o momento do parto, a escolha da nutriz, além das outras coisas que a isso estão conectadas, as prescrições que dizem respeito a ambos os sexos, por fim, as experiências com várias doenças, com alguns preparos que servem para embelezar o corpo.”

⁴“Tradurre è il sistema più assoluto di lettura”. Todas as traduções, quando não indicado o contrário, são de nossa autoria.

leitor profundamente comprometido com as implicações de cada palavra⁵ (2002, p. 69), para que assim os jogos de palavras presentes no texto de partida possam ser restabelecidos nas vestes de outra língua, mas de modo a preservar o ritmo do texto e a mesma necessidade interior do texto de partida.

Se traduzir é ler com maior adesão e intensidade, é igualmente certo que o leitor-tradutor deverá se aproximar das línguas envolvidas na tradução e confrontá-las considerando também o conteúdo da obra, o autor e o tempo que a viu nascer. No caso de Trotula, ou Trocta, julgamos importante, antes de tecer os comentários sobre a tradução, apresentar a autora e a obra, de modo especial porque ainda não são amplamente conhecidas no Brasil, se considerarmos a ausência de traduções ou mesmo o ainda reduzido número de outros tipos de estudos sobre ela⁶.

Trotula viveu em Salerno, sul da Itália, entre os séculos XI e XII, exercitando a arte médica e repassando o seu conhecimento via ensino na renomada escola de medicina, que já naquela época aceitava a matrícula de mulheres, tanto alunas como médicas, que eram conhecidas como Damas da Escola de Salerno. (SANTUCCI: 2008, p.87) A cidade ocupava uma posição geográfica bastante vantajosa e esse provavelmente foi um dos motivos pelos quais passou a receber um notável contingente de pessoas que detinham conhecimentos médicos e filosóficos do Mundo Antigo, sobretudo árabes e gregos. Lembramos que nesse período a região do Mediterrâneo mostrava-se favorável ao crescimento urbano e comercial, sem grandes preocupações bélicas ou grandes crises econômicas, o que permitiu, por exemplo, o florescimento de áreas como astronomia, matemática e medicina.

⁵“Bisogna leggere il testo nelle implicazioni di ogni parola”.

⁶ Citamos os estudos encontrados no Brasil até o momento: COSTA, Marcos Roberto Nunes. A filosofia-medicina orgânica de Trotula de Ruggiero na Baixa Idade Média (1050-1097). In: *Revista Sísifo*, volume 1 número 4. Feira de Santana, 2016. p. 73-79. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0Bxd7GivqWrV6bWpCRXRfU29uc3M/view>. Acesso em 12/09/2017; DEPLAGNE, Luciana Calado. Vozes femininas na Idade Média: auto-representação, corpo e relações de gênero. *Fazendo Gênero 8 – corpo violência e poder*. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Luciana_Calado_Deplagne_70.pdf. Acesso em 12/09/2017; OLIVEIRA E PINHO, Lúcia Regina Oliveira. *Trótula de Salerno: périplo na história e historiografia*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15710/1/2016_LuciaReginaOliveiraePinho_tcc.pdf. Acesso em 12/09/2017; SIMONI, Karine. De dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. *Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamento*. Florianópolis, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291166_ARQUIVO_DedamadaescoladeSalernoafiguralegendariaTrotuladeRuggieroentranotoriedadeeoesquecimento.pdf Acesso em 12/09/2017; SIMONI, Karine. De dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. In: DEPLAGNE, Luciana Calado. (Org.). *As intelectuais na Idade Média. Pensadoras, místicas, cientistas e literatas*. Paraíba: Editora UFPB, 2015.

No período em que Trotula desempenhou suas atividades, a presença de mulheres na prática e no estudo da medicina era amplamente aceita na Itália. No século XII, outro nome de mulher emerge nas ciências do período, o da Abadessa Hildegarda Von Bingen. Além de obras místicas, ela é autora do tratado científico *Causae et Curae* [Causas e remédios]. A pesquisadora Marie Cristine Pouchelle assim analisa a atuação de Hildegarda na história da medicina:

A atenção que Hildegarda dedicava às pedras preciosas e aos vegetais exprime o grande interesse terapêutico que ambos[Hildegarda e Cassiodoro] suscitarão ao longo de toda a Idade Média. A eficácia das plantas medicinais, cujo conhecimento constituía, para Cassiodoro, no século VI, o próprio fundamento da arte de curar, não residia apenas nos princípios ativos presentes nas plantas medicinais, reconhecidos pela farmacologia moderna. Seu poder estava ligado também às repercussões que as plantas produziam no imaginário, no contexto de uma Europa predominantemente rural onde a presença concreta da natureza impunha-se aos sentidos. (POUCHELLE: 158, p.158)

Trotula, portanto, não foi uma voz feminina solitária a desenvolver estudos sobre a medicina do período, mas, assim como Hildegarda, testemunha um período caracterizado pela tentativa de racionalizar e dominar o mundo natural, fazendo uso dele e da boa alimentação para o tratamento e cura das doenças. As figuras femininas agem de maneira ativa e influente, de modo que “a mulher conserva o respeito das origens, condiz com acontecimentos e ações gloriosas dos homens, participa das batalhas, exercita a arte médica”⁷ (CAVALLO: 1994, p. 14) através do estudo e da experiência prática.

No caso de Trotula, pode-se dizer então que teria sido uma entre tantas outras mulheres a ganhar destaque pelo nível da sua preparação científica e técnica. (CAVALLO: 1994, p. 14) Seus dois tratados mais conhecidos e que chegaram até os nossos dias são *De passionibus mulierum ante, in e post partum* [As doenças da mulher antes, durante e depois do parto], também chamado de *Trotula maggiore* [Trotula maior], e *De ornatu mulierum* [Como tornar belas as mulheres], ou *Trotula minore* [Trotula menor]. Ambos foram escritos em latim, língua “da ciência”, e a difusão do texto teria sido notável: “por quatro séculos ele foi transcrito, interpolado, elaborado, traduzido em versos, nas línguas nacionais (francês e alemão)”⁸. (CAVALLO: 1994, p.11)

⁷ “la donna conserva il rispetto delle origini, condiz con eventi e gesta degli uomini, partecipa alle battaglie, esercita l’arte medica.”

⁸ “per quattro secoli esso fu trascritto, interpolato, elaborato, tradotto in versi, nelle lingue nazionali (francese e tedesco)”.

O *De passionibus mulierum ante, in e post partum* está dividido em 60 capítulos, cada qual com um assunto, nos quais a autora descreve o tratamento de doenças e problemas como a falta ou o excesso das menstruações, a infertilidade feminina e masculina, o câncer, as doenças do útero, além de apresentar sugestões para o período da gravidez; meios para tornar o parto menos dolorido e cuidados com o recém-nascido e com a mulher após o parto, dentre outros. Já no segundo, Trotula mostra como as mulheres podem fazer pomadas depilatórias, pastas para escovar os dentes; como podem ter uma pele mais lisa e livre de manchas, ou como obter cabelos loiros ou escuros, ou ainda como suavizar a pele das mãos e adquirir uma cor mais bonita no rosto e nos lábios. Perpassam em ambos os tratados a indicação de banhos, compressas e massagens para o tratamento de doenças, a utilização de ervas medicinais acessíveis a pessoas de todas as condições sociais e a importância da higiene e da nutrição balanceada.

Na introdução do primeiro tratado, Trotula destaca as razões que a levaram a concentrar seus estudos e suas práticas principalmente ao corpo feminino:

as mulheres [...] são acometidas de doenças com maior frequência, sobretudo próximo aos órgãos predispostos à função natural. Como esses estão colocados em um lugar mais reservado, elas, por pudor e pela fragilidade da sua condição, não ousam revelar ao médico as aflições das suas enfermidades. Por tal motivo, eu, mostrando compaixão pela sua desventura [...] comecei a ocupar-me com zelo das doenças que muito frequentemente incomodam o sexo feminino⁹. (RUGGIERO: 1994, p.48)

Trotula parece acreditar que o fato de ser mulher lhe conferia um grau de capacidade e credibilidade maior diante dos indivíduos homens que também se dedicavam às doenças ditas “femininas”, pois, segundo ela, a experiência pessoal e o estabelecimento de uma relação íntima e de confiança com as pacientes mulheres permitiam que estas lhe revelassem com mais familiaridade os problemas de saúde que enfrentavam. Por outro lado, seria provavelmente um equívoco limitar a reputação de Trotula apenas ao fato dela conhecer as doenças das mulheres por ser ela mesma uma mulher. Se delegarmos o seu conhecimento somente às experiências empíricas, corremos o risco de não dar visibilidade ao papel que as mulheres ligadas aos círculos médicos desempenhavam no período. Além disso, o conhecimento de Trotula advinha também do estudo de textos credenciados pela comunidade médica, como é o caso dos escritos de Hipócrates, conhecido como pai da medicina, que viveu no século III a.C., e de Galeno,

⁹ “Quoniam ergo mulieres natura sunt viris debiliores, hinc est quod in eis saepius abundant aegritudines, maxime circa membra operi naturae debita. Quae cum in loco secretiori accidunt, ipsae propter verecundiam et conditionis fragilitatem, non audent angustias suarum aegritudinum medico revelare. Quapropter ego, miseranda illarum calamitate, [...] incepti diligentius contemplari de aegritudinibus, quibus foemininus sexus saepissime molestatur.”

médico e filósofo romano que viveu nos séculos II-III, ambos citados no tratado¹⁰. Como foi dito, no período em que Trotula atuou na Escola de Salerno, as mulheres eram consideradas detentoras do conhecimento médico tanto quanto os indivíduos homens.

A notoriedade de seu conhecimento ultrapassou a esfera da medicina e das ciências, em geral, e seu nome foi lembrado por grandes nomes da Literatura medieval: “a dama mais sábia dos quatro cantos do mundo”, escreve o poeta Rutebeuf (século XIII) em seu *Dit de l’herberie*¹¹ e também o poeta Chaucer refere-se à Trotula no prólogo de “A mulher de Bath”, um dos *Contos da Cantuária*.

A presença e a autoridade de Trotula foram reconhecidas em boa parte do medievo, mas a sua fama (atestada, por exemplo, nas traduções dos seus tratados para línguas como espanhol, francês, inglês, alemão, além de adaptado para o irlandês, o hebraico e o catalão) não foi suficiente para preservar, de maneira perene, a sua memória. Seus textos foram em muitas ocasiões reelaborados e traduzidos sem os devidos créditos, uma vez que a determinação da autoria, como sabemos, não era uma preocupação essencial. Mas, provavelmente, o fator de maior impacto para a exclusão do nome de Trotula da história da medicina deve-se ao fato de uma mudança de perspectiva em relação ao papel da mulher na sociedade: para Pina Cavallo, essas transformações tiveram início ainda no século XI, quando o Império Romano do Oriente, no seu processo de afirmação política, colocou Salerno como meta das suas conquistas. O Império tinha como aliado o Papa Gregório VII, o autor da chamada Reforma Gregoriana, através da qual determinou, dentre outras proposições, o absolutismo do poder papal e a completa subordinação de tudo o que fosse contrário à hegemonia da Igreja. (CAVALLO: 1994, p. 15) Nessa nova conjectura, a mulher passa cada vez mais a ser vista como ser incapaz e inferior perante o homem, até ser vista como encarnação do mal, cujo ápice pode ser colocado na Idade Moderna, a partir do século XV, com os horrores da chamada *caça às bruxas* pelo Tribunal da Inquisição¹².

Trotula não foi, portanto, excluída no seu tempo, mas foram os séculos seguintes, sob a hegemonia da Igreja e o surgimento da imprensa, a excluí-la da história. Há de se considerar também que no período em que ela exerceu os seus estudos e atividades a medicina ainda não

¹⁰ É importante lembrar que até o século XII poucos textos científicos se encontravam à disposição dos médicos ocidentais, pois o legado do conhecimento galênico através dos árabes foi difundido a partir do século XI, com as traduções para o latim de Constantino, o africano, levadas à prestigiosa escola de Medicina de Salerno, e a partir do século XII, pelos tradutores de Toledo (THOMASSET: 1990, p.67-77)

¹¹ “la dame la plus sage qui soit dans les quatre parties du monde”.

¹² Ver, a esse respeito, o capítulo “Os agentes de satã: a mulher”. In: DELUMEAU, Jean. *A História do Medo no Ocidente*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

sofrera a assim dita “profissionalização” que levou, por sua vez, à progressiva exclusão da mulher daquele cenário que era de colaboração e paridade. Foi a partir do século XIV que “as mudanças políticas, culturais, econômicas ocupam os lugares do poder e do controle, do conhecimento e do seu uso. A profissionalização da medicina [...] devia expelir a mulher do contexto do exercício profissional”¹³ (CAVALLO: 1994, p. 07), o que passa a ser feito através da perseguição e condenação à morte das mulheres nos processos de bruxaria. Assim inicia, portanto, a expulsão da mulher do espaço da medicina oficial, e, da mesma maneira, se inicia a separação progressiva entre medicina culta e medicina popular.

Um dos exemplos de como Trotula foi apagada da história está no caso de Hans Kaspar Wolf, que em 1566 publica *De mulierum passionibus* atribuindo o tratado à figura masculina de Eros Juliae, um ex-escravizado que pertencera à filha de Augusto. Se o erro foi proposital ou não, o fato é que teria sido lançada nesse momento a dúvida sobre a existência de Trotula, e o ceticismo que se estabeleceu na comunidade médico-científica a partir de então se perpetuou até o século XX, quando ainda foi vista por nomes como Paul Meyer (1915) como um personagem fantástico, imaginário, e grandes estudiosos da história da medicina, como Konrad Hiersemann (1921) e Charles Singer (1924) se recusaram a admitir que uma mulher pudesse ter escrito tal tratado. Foi preciso aguardar o ano de 1930, quando a feminista e obstetra canadense Kate Hurd-Mead publicou um artigo no qual mostrou a veracidade de Trotula e a autenticidade dos seus escritos. (BARILLARI: 2012, p.271-272)

Apesar do esforço de Kate Hurd-Mead, Trotula não parece ter sido ainda devidamente inserida na história das mulheres e na história da medicina. Parte disso, a nosso ver, se deve à falta de traduções de seus tratados, que, se fossem mais amplamente conhecidos, poderiam proporcionar mais estudos e mais pesquisas sobre o papel e a importância de Trotula e, por conseguinte, das mulheres medievais.

A partir dessas considerações acerca da importância de Trotula para a história das mulheres e da medicina, iniciamos o processo de tradução dos dois tratados – o primeiro, lembramos, sobre a saúde, e o segundo voltado às práticas de embelezamento do feminino. Passaremos então a apresentar algumas reflexões sobre o processo de tradução para o português brasileiro dos dois textos de Trotula.

A primeira observação a ser feita nesse sentido é que buscamos uma tradução ética, que na definição de Antoine Berman significa “reconhecer e receber o Outro enquanto Outro”,

¹³“i cambiamenti politici, culturali, economici investono i luoghi del potere e del controllo, della conoscenza come del suo uso. La professionalizzazione della medicina [...] doveva espellere la donna dal contesto dell’esercizio professionale”.

(2013, p. 95) o que implica a disposição de abrigar o estrangeiro no seu próprio espaço de língua, mantendo as características estilísticas do texto, as marcas temporais da língua e da cultura do texto, escrito há cerca de mil anos. Incumbimo-nos da tarefa do tradutor, tal qual exposta por Walter Benjamin no já citado texto de 1923: “encontrar, na língua para a qual se traduz, a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado.” (2010, p. 217) Embora a forma do texto de partida deva ser buscada, traduzir não é, para o autor, restituir o sentido primeiro do texto, reproduzindo seu conteúdo. Traduzir é metamorfosear o texto, é revelar a familiaridade das línguas, que não são estranhas entre si, mas se complementam; traduzir “é redimir na própria a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação” (BENJAMIN: 2010, p. 213). A tradução estabelece, portanto, uma conexão de vida com o texto de partida, que exige ser traduzido como a clamar pela sua sobrevivência histórica. (BENJAMIN: 2010, p. 209). E a tradução só consegue mostrar a intimidade entre as línguas quando recusa a função secundária, ou de servidão, e se assume como recriação.

Ao realizar a tradução, buscamos, portanto, aproximar o público atual da época e da linguagem de Trotula, mas sem descuidar da legibilidade do texto para as leitoras e os leitores do português brasileiro do século XXI, como demonstramos em alguns exemplos a seguir.

O primeiro exemplo está contido no capítulo V, intitulado *O prolapso do útero*. Escreve Trotula:

Se acontecer que depois do parto o útero se abaixe demais em relação à sua posição, deve ser esquentada aveia previamente hidratada e essa deve ser aplicada fechada dentro de um saquinho. Às vezes o útero se desloca da sua posição, às vezes se abaixa e às vezes sai através da vulva. Isso acontece por causa do enfraquecimento dos nervos e do excesso de humores frios. Na verdade, tal relaxamento e resfriamento acontece por causa do ar frio que se introduz pelos orifícios do útero, como quando a mulher se expõe descoberta diretamente ao ar frio, ou fica muito tempo sentada sobre uma pedra fria. Às vezes acontece por causa de um banho de água fria, porque com isso o útero se debilita e por isso se desloca da sua posição. Às vezes acontece também por causa de um esforço de parto. Se ele se abaixa e não sai, são aplicadas nas narinas substâncias aromáticas, como bálsamo, almíscar, âmbar, alfazema e similares. Mas na parte inferior devem ser feitas fumigações com substâncias fedorentas, como o pano de linho queimado e coisas similares. O umbigo deve ser esquentado com lã encharcada de vinho e óleo¹⁴. (RUGGIERO: 1994, p. 64)

¹⁴ “Si contingat post parthum matricem mimis de loco suo descendere inferius, calefiat avena prius humectata et sacceollata apponatur. Movetur autem quandoque matrix de loco suo et quandoque descendit et quandoque per vulvam egreditur foras. Et hoc contingit propter nervorum remollitionem et frigidorum humorum abundantiam. Huiusmodi vero remollitionem et infrigidatio contingit ex aere frigido per orificia matricis subintrante, ut quando mulier detecta se directe opposuerit aëri frigido, vel super lapidem frigidum diu sedeat. Quandoque contingit ex balneo aquae frigidae, quia per hoc debilitatur matrix, ideo exit de loco suo. Interdum etiam contingit conatu pariendi. Si descendit et non exit foras, apponenda sunt naribus aromatica, ut balsamus, muscus, ambra, spica, storax et similia. Fomentetur umbilicus lana, vino et oleo infusa.”

Como podemos perceber, apesar de ter cunho didático e “científico”, o texto apresenta um ritmo próprio, marcado por frases curtas, concluídas com pontos finais, nas quais são expostos os problemas ocorridos pelo deslocamento do útero, e por instruções bastante objetivas. Podemos notar algumas repetições, que a tradução procurou preservar, como a expressão “quando que”, traduzida aqui por “às vezes”, com cinco ocorrências. Ao procurar abarcar várias possibilidades para determinar a origem do problema, Trotula parece se preocupar em fornecer o maior número de explicações possíveis, o que, no nosso entender, pode ser visto também como uma forma de informar as mulheres sobre cuidados a serem tomados para que tais problemas fossem evitados. A tradução procurou seguir a pontuação e também as repetições. Entretanto, em outros casos, não foi possível manter sempre a sintaxe do texto; de fato, em alguns momentos, nos deparamos com frases excessivamente longas, que foram por nós divididas quando a compreensão em português ficava comprometida.

Trotula parece ter tido um grande cuidado em não deixar dúvidas no que tange às práticas a serem seguidas para a boa aplicação dos tratamentos, pois escreve de maneira objetiva e precisa, de modo que, apesar da distância temporal e espacial entre as línguas e as culturas envolvidas, o texto não apresentou impossibilidades de compreensão e, por conseguinte, de tradução. Pelo contrário, ao seguir o ritmo do texto, nos aproximamos ao pensamento de Trotula, e mesmo que não seja possível chegar por completo até ele, podemos sentir os seus ecos. De fato, se “traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto” (2011, p. 32), como considerou Italo Calvino, o processo de tradução permitiu que nos aproximássemos do olhar de Trotula sobre os papéis e as relações entre homens e mulheres na sua época. Ela parece refletir a mentalidade do seu tempo, ao afirmar, por exemplo, que a causa da esterilidade pode estar tanto na mulher como no homem. Ou seja, embora admitisse ser a mulher mais frágil do que o homem, não a via como a única responsável pelos problemas de saúde que afetavam a vida conjugal/ familiar. No Capítulo XI, intitulado *O obstáculo à concepção e as coisas que favorecem a fecundação*, ela analisa as possíveis causas do problema e expõe as razões de modo igualitário para ambos os sexos:

Algumas mulheres não são aptas a engravidar, ou porque são muito leves e magras, ou porque são muito gordas, [...] Algumas têm o útero tão macio e viscoso que não consegue segurar o esperma recebido. Esse fato acontece às vezes por defeito do homem, quando ele tem um sêmen muito inconsistente, que, derramado no útero, desliza para fora por causa da sua liquidez. Alguns homens têm os testículos muito frios e enxutos, esses raramente ou nunca procriam, porque o seu sêmen não é propício

para a reprodução. É claro, portanto, que a concepção é impedida tanto por defeito do homem que da mulher¹⁵. (RUGGIERO: 1994, p.72)

Para cada doença ou problema, Trotula apresenta uma série de tratamentos, que incluem, como foi dito, a aplicação de ervas medicinais, banhos, sufumigações, compressas, supositórios. Foi justamente nesse ponto que residiu um dos maiores desafios da tradução, a saber, a busca por alguns nomes de plantas medicinais. A maioria deles, como *mentha* [hortelã], *faeniculi* [erva-doce], *origano* [orégano], *aloe* [babosa], ainda são amplamente conhecidos e utilizados com fins medicinais, como indicam os dicionários e outras fontes de pesquisa, como sites especializados em botânica e ervas medicinais, de modo que a grande maioria desses nomes não apresentou grandes dificuldades de tradução. Outros nomes de plantas, como *sepum*, *viscum*, *elleborum* e *dialthea* foram mais difíceis de serem traduzidos e ainda estão sendo pesquisados. Em termos quantitativos, Trotula cita cerca de 260 plantas, algumas das quais citadas apenas uma vez, como é o caso de *rubus* [rubo], *coriandri album* [coentro], *acacia* [acácia], *rheum* [ruibarbo] e outras, como *absinthium* [absinto], *laurea* [louro], *malva* [malva], citados cerca de 20 vezes cada, outras ainda, como *artemisia* [artemísia] e *pulegium* [poejo], citadas cerca de 25 vezes cada. Observar a forma como Trotula recomenda o uso dessas plantas foi importante para realizar a tradução da melhor forma possível, a fim de evitar, por exemplo, o uso de dois termos para designar a mesma erva, como é o caso de *faeniculi*, para o qual acreditamos ser possível utilizar os termos *funcho* ou *erva-doce*.

A quantidade de nomes de ervas medicinais citadas, às quais se somam também o nome de minerais e de óleos obtidos de fonte animal, são um indício do quanto Trotula estudou, pesquisou e aplicou os seus conhecimentos em busca do bem-estar da mulher. O fato de ter citado três vezes Hipócrates e onze vezes Galeno é também um vestígio de que, no centro dos seus interesses e preocupações, estava presente a crença de que a saúde é alcançada não através de práticas mágicas, mas pela busca racional do equilíbrio entre o bem-estar, a higiene, a boa alimentação e, por fim, a beleza. Esta, de fato, ocupa um lugar importantíssimo nos tratados de Trotula, em especial na parte que ela dedica ao embelezamento do corpo. No capítulo LXI, intitulado *Do embelezamento do corpo e de suas partes, e para clareamento do rosto*, Trotula descreve longamente e com detalhes o que as mulheres devem fazer para melhorarem a aparência da pele:

¹⁵ “Quaedam mulieres sunt inutiles ad concipiendum, vel quia nimis tenues sunt et macrae [...] Quaedam habent matricem ira lenem et lubricam quod semen receptum nequeat in ea retineri. Quod contingit quandoque vitio viri, qui habet semen nimis tenue, quod infusum matrici liquiditate sua foras labitur. Quidam etiam viri testiculos habent valde frigidos, siccos ; illi raro aut nunquam generant quia semen erorum est inutile generationi. Manifestum est igitur quod conceptio impeditur tam vitio viri quam mulieris. ”

As mulheres mencionadas costumam fazer uso deste unguento, perto do fogo, à noite, para que na manhã seguinte fiquem protegidas o dia todo das coisas que dissemos, ou seja, de queimaduras do sol, das rachaduras, das pústulas e similares. Isto, de fato, distende a pele e produz uma bela coloração, e pela manhã não é necessária qualquer lavagem, nem qualquer outra coisa para removê-lo do rosto, porque de modo algum a cor vai ceder. Isto serve ainda para reduzir as pústulas dos leprosos, porque é bastante purificador. Por isso, as mulheres frequentemente costumam usar tal preparado, porque, se forem feias, o mesmo abranda. Por isso, deve-se notar que quando desejarem enfeitar-se, primeiro devem lavar o rosto com sabão gaulês, com água quente e infusão de farelo, e isso deve ser feito durante o banho, depois devem ungir o rosto, previamente seco, com óleo de tártaro, e assim seguindo por sete noites e sete dias, ou até por durante quinze dias se caso o rosto tiver muitas rugas e sardas. Além disso, caso tiverem vergonha de passar o produto no rosto durante o dia, cuidem, então, de fazê-lo à noite, lavando-se de manhã com água morna na qual dissolvam gordura de amido para acalmá-lo¹⁶. (RUGGIERO: 1994, p.128)

Também nesse trecho esperamos ter mostrado que procuramos seguir a sintaxe, a pontuação, a ordem das palavras no texto, enfim, o ritmo do texto, a fim de apresentar às leitoras e leitoras uma construção o mais próximo possível da escrita de Trotula. Mesmo buscando esse objetivo, acreditamos que uma tradução nunca será definitiva e que sempre é possível e necessário revisita-la e refazê-la.

Com a tradução dos dois tratados de Trotula, aqui brevemente apresentada, esperamos contribuir para que a sua figura possa ser mais estudada e mais reconhecida tanto pelo público acadêmico como por todas e todos que se interessam pela história das mulheres e da medicina. O seu trabalho é um exemplo de que o medievo não foi a “idade das trevas”, e de que a mulher participou dele ativamente e desempenhou papéis fundamentais. Em um mundo dominado por uma concepção religiosa que considerava o corpo humano, em particular o corpo feminino, como instrumento e receptáculo de vícios e tentações, que deveria ser purgado com rigor para que alma pudesse ser salva, a voz de Trotula, mulher da ciência, se faz notar firme e objetiva, pronta a declarar que as doenças não são sinônimos de culpa, mas de falta de equilíbrio do organismo, e que, com os devidos cuidados, podem ser tratadas e curadas.

É justamente a tradução a responsável por desvelar as práticas relacionadas à saúde, à alimentação, os hábitos de higiene, à relação com a natureza e à percepção do corpo humano

¹⁶ “Hoc igitur unguento solent praedictae mulieres se ad ignem inungere in sero, ut in mane a praedictis, scilicet a solis adustione et fissuris et pustulis et huiusmodi tam ter aërem quam per sois ardorem, illaesa de die permaneant. Id enim elevat cutem et pulchre colorat, neque mane lotionibus vel aliquibus aliis est opus ad removendum a facie quoniam non derogat colori quoquo modo. Valet etiam ad repressionem pustularum in leprosis et satis mundificativum est. Quoniam huiusmodi ornatus mulieribus in frequenti usu est, quia, si fuerit deformes, paleat ead. Ideo notandum, quando voluerint se ornare, primo abluant faciem cum sapone gallico et cum aqua calida et cum clatura furfuris et hoc fiat in balneo, postea inungant faciem, prius desiccata, cum oleo de tartaro, continuando per septem noctes et totidem dies, vel etiam per quindecim si vultus multum fuerit pannosus et lentiginosus. Et quando vercundantur inungere faciem de die tunc in qua resoluta fuerit pinguedo amidi ad mitigationem.”

no período; é a tradução, que envolve constantemente releitura e reflexão, a fazer a ponte entre duas línguas, duas culturas e duas épocas distintas. Como bem disse Madame de Staël, citada no início deste estudo, a tradução permite que as línguas e as culturas não se limitem apenas às suas produções e se enriqueçam com o que foi escrito em outras línguas e épocas. E essa talvez seja um dos principais meios para construir um presente liberto de opressões, misoginias e preconceitos.

Referências

- BARILLARI, Sonia Maura. Il corpo delle donne: il magistero di Trocta. In: CASARETTO, Francesco Mosetti. *Il corpo impuro e le sue rappresentazioni nelle letterature medieval*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2012.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor (1923). Tradução Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, Werner (Org.) *Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol. 1: Alemão-Português. 2ª ed. Florianópolis: UFSC/ NUPLITT, 2010.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue longínquo*. Tradução Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET, 2013.
- CALVINO, Italo. *Mundo scritto e mondo non scritto*. Milano: Mondadori, 2002.
- CALVINO, Italo. *Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto*. Tradução Andréia Guerini e Tânia Mara Moysés. Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte, ed. 1335, p. 32-34, mar./abr. 2011.
- CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das Mulheres. A Idade Média*. Vol. 2. Tradução de Ana L. Ramalho et alli. Porto: Afrontamento, 1990. p. 99-141.
- CAVALLO, Pina Boggi. Introduzione. In: RUGGIERO, Trotula de. *Sulle malattie delle donne*. (a cura di Pina Boggi Cavallo) Tradução Piero Cantalupa. Palermo: La Luna, 1994.
- CHAUCER, Geoffrey. Os Contos de *Cantuária*. Apresentação, tradução direta do médio inglês e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.
- DELUMEAU, Jean. Os Agentes de satã: a mulher. In: *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado; Tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 462-489.
- POUCHELLE, Marie-Christine. Medicina. [Trad. Mário Jorge da Motta Bastos] In: LE GOFF, Jacques; SCMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Vol. II. Coordenação da tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p.151-164.
- RUGGIERO, Trotula de. *Sulle malattie delle donne*. (a cura di Pina Boggi Cavallo). Tradução Piero Cantalupa. Palermo: La Luna, 1994.

RUTEBEUF. *Oeuvres complètes*. Texte établi, traduit, annoté et présenté par Michel Zink. Paris: 2005.

SANTUCCI, Francesca. *Virgo virago: Donne fra mito e storia, letteratura ed arte, dall'Antichità a Beatrice Cenci*. Catania: Akkuaria, 2008.

STAËL, Madame de. Do espírito das traduções (1820-1821). Tradução Marie Héléne Torres. In: FÁVERI, Cláudia Borges de; TORRES, Marie Héléne Torres (Orgs.) *Clássicos da Teoria da Tradução. Vol. 2: Francês-Português*. Florianópolis: UFSC, NUPLITT, 2004.

STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Globo, 2008.

THOMASSET, Claude. Da natureza das mulheres. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.) *História das Mulheres. A Idade Média*. Vol. 2. Tradução de Ana L. Ramalho et alli. Porto: Afrontamento, 1990.

ZUBER, Christiane Klapisch. Masculino/ feminino. Tradução Eliana Magnani. In: LE GOFF, Jacques; SCMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Vol. II. Coordenação da tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p.137-150.

Recebido em 26/12/2017

Aceito para publicação em 07/11/2017